

Manual de Pesquisa Qualitativa

ânima
E D U C A Ç Ã O

EAD
Educação a Distância

Elaine Linhares de Assis Guerra

MANUAL
PESQUISA QUALITATIVA

Produzido, conforme contrato assinado, para uso
em ambiente virtual pelo Centro Universitário UNA.

Belo Horizonte

2014

COPYRIGHT © 2014

GRUPO ANIMA EDUCAÇÃO

Todos os direitos reservados ao:

Grupo Anima Educação

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610/98. Nenhuma parte deste livro, sem prévia autorização por escrito da detentora dos direitos, poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravações ou quaisquer outros.

Edição

Grupo Anima Educação

Diretoria

Pedro Luiz Pinto da Cunha

Coordenação e Desenvolvimento de Novos Produtos EaD

Cláudia Silveira da Cunha

Coordenação de Produção de Materiais

Patrícia Ferreira Alves

Equipe EaD



CONHEÇA A AUTORA

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (1981) e mestrado em Tecnologia, pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET/MG (2000). Cumpriu todos os créditos do mestrado em Sociologia da UFMG, sem defesa de dissertação (1983/1986). Desde 1986 é professora assistente B do Centro Universitário Una, nas disciplinas Sociologia, Metodologia Científica, Projetos de Pesquisa e Trabalho de Conclusão de Curso, atuando em cursos de graduação e pós-graduação. Foi pró-reitora de graduação em caráter *pro tempore* do Centro Universitário

Una, de fevereiro a julho de 2004. Foi diretora da Faculdade de Administração/Una de 2000 a 2002. Foi Presidente da CPA - Comissão Própria de Avaliação, do Centro Universitário Una por dois mandatos, e coordenadora do CEP - Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Una, por dois mandatos, sendo atualmente apenas membro do CEP. Possui 11 trabalhos científicos publicados ou apresentados em congressos científicos. No campo profissional, foi consultora autônoma para planejamento de ações sociais e comunitárias em cinco prefeituras do estado de Minas Gerais (Carangola, Caratinga, Faria Lemos, Tombos e Espera Feliz), de 1992 a 1993. Foi representante da AMOC - Associação dos Municípios da Microrregião da Vertente Ocidental do Caparaó, em Belo Horizonte, de 1985 a 1986. Foi diretora do Departamento de Bem-estar Social da Prefeitura de Caratinga, de 1984 a 1985.

SUMÁRIO

■	APRESENTAÇÃO	02
■	1 - INTRODUÇÃO: HISTÓRIA DO CONHECIMENTO	03
■	2 - O SURGIMENTO DO MÉTODOCIENTÍFICO	05
■	3 - MÉTODO: QUALITATIVO OU QUANTITATIVO?	08
■	4 - TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS QUALITATIVOS	15
	4.1 - ENTREVISTAS	18
	4.2 - OBSERVAÇÃO	28
■	5 - TÉCNICAS PARA ANÁLISE DE DADOS QUALITATIVOS	36
	5.1 - ANÁLISE DE CONTEÚDO	38
	5.2 - ANÁLISE DO DISCURSO	40
	5.3 - ANÁLISE HERMENÊUTICA DIALÉTICA	42
■	REFERÊNCIAS	44

APRESENTAÇÃO

Neste manual, você terá informações sobre como fazer uma pesquisa qualitativa. Inicialmente, será apresentada a importância do método científico para a construção do conhecimento. Em seguida, serão mostradas as características do método qualitativo e do método quantitativo. Tudo isso para lhe ajudar a escolher o método adequado à sua proposta de pesquisa.

Após a decisão pelo método - e se esta for pela pesquisa qualitativa - esse manual lhe ajudará a escolher quais as técnicas de coleta de dados ideais para sua investigação, evidenciando, para tanto, as vantagens e limitações de cada uma. Caso você decida pela abordagem quantitativa, acesse o Manual de Pesquisa Quantitativa. <http://disciplinas.nucleoad.com.br/pdf/anima_tcc/gerais/manuais/manual_quanti.pdf>

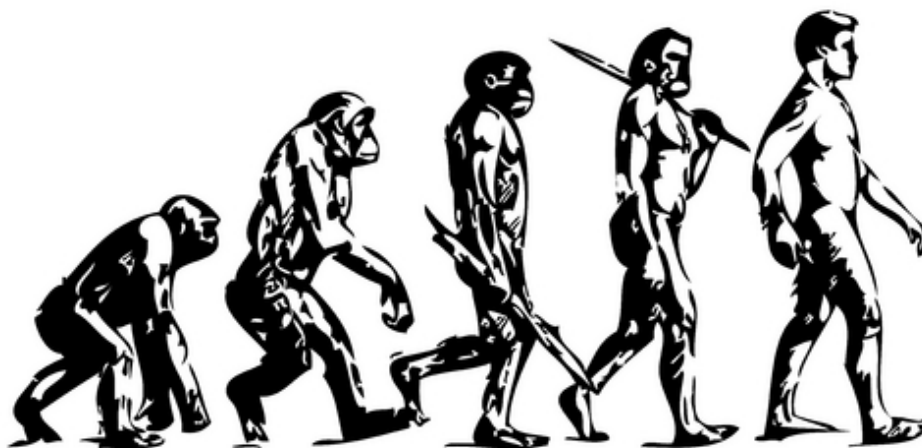
Coletados os dados, o presente manual vai contribuir para sua análise e discussão, pois permitirá que você conheça as técnicas de análise dos dados, ou seja, a análise de conteúdo e a análise de discurso.

Assim, esperamos contribuir para uma decisão metodológica acertada e para qualidade de seu trabalho científico.

Bom trabalho de pesquisa!

1 - INTRODUÇÃO: HISTÓRIA DO CONHECIMENTO

FIGURA 1 - A evolução do conhecimento



Fonte: Acervo Institucional

Sabemos que os animais desenvolvem estilos próprios de vida, que lhes permitem a reprodução e a sobrevivência. Para isso, os animais estabelecem modelos de vida complexos, com sistemas de acasalamento, alojamento, migração, proteção e alimentação. Os homens também desenvolvem esses processos em suas vidas.

Para sobreviver, os homens apresentam atividades instintivas (respirar, engatinhar, sentir fome, frio) e outras ações que dependem de um aprendizado (trabalhar, estudar, etc.). Para um bebê se transformar em homem, ele precisa de um aprendizado. Esse aprendizado é possível porque o homem é capaz de criar um sistema simbólico e de comunicação, e por meio desse sistema ele dá significado às suas experiências e as transmite aos seus pares.

O homem é o único ser capaz de imaginar ações e reações de forma simbólica, diferenciar experiências no tempo e projetar ações racionalmente para enfrentar o porvir. Por isso, o homem conseguiu desenvolver o CONHECIMENTO. Ao pensar, projetar, ordenar, prever e interpretar, o homem estabeleceu com o mundo uma relação dotada de significados e, assim sendo, um conhecimento.

O conhecimento sobre o mundo que foi produzido pelos homens se transformou em CULTURA. Assim, cada grupo, compartilhando experiências comuns, cria formas de sociabilidade. Por isso, cada cultura tem suas particularidades, seus símbolos. Tudo isso é transmitido de uma geração a outra. O estudo da cultura nos mostra que o homem busca formas de resolver seus problemas, que são aceitas pelo seu grupo social e por isso se tornam perenes. Uma vez aceitas, essas formas são transformadas em rituais, que são repetidos pelos membros do grupo. Esses rituais são transmitidos e transformados pelos homens para atender suas necessidades.

Ficou claro então que os homens desenvolvem conhecimentos conforme suas necessidades.

Veja exemplos:

- a) Os egípcios conheciam geometria em função da necessidade de prever o transbordamento do Rio Nilo, e com uma corda dividida em 13 partes, eles criavam formas geométricas e assim faziam suas medições territoriais.
- b) Os povos gregos também buscaram entender o universo, e assim surgiram a filosofia, a geometria, a aritmética e a astronomia.

A filosofia, por exemplo, surgiu na Grécia, no momento em que se abandonou a tradição oral (concepções mitológicas) e buscou-se o caminho da racionalidade. As contribuições de Sócrates, Platão e Aristóteles fazem parte da história da humanidade. Posteriormente, o racionalismo da filosofia que libertou o homem de seu estágio teológico não mais atendeu às necessidades humanas e sociais.

Em torno do século XVI nasce então a CIÊNCIA, a partir das contribuições de Descartes. Daí a importância da filosofia: os gregos trouxeram o amor e a valorização ao conhecimento, ou seja, uma valorização das atividades intelectuais. Para os gregos, a filosofia mostrou que o destino era apenas uma construção humana, e não obra dos deuses. O racionalismo da filosofia grega abriu precedentes para o conhecimento científico.

2 - O SURGIMENTO DO MÉTODO CIENTÍFICO

FIGURA 2 - O surgimento de uma ideia



Fonte: Acervo Institucional

Afinal, o que é método científico e por que o surgimento do método permitiu a criação da ciência?

Várias são as definições de método, embora todas nos levem a um mesmo caminho:

- Conjunto de regras que elegemos num determinado contexto, para se obter dados que nos auxiliem nas explicações ou compreensões dos aspectos ou fenômenos constituintes do mundo. (TURATO, 2003, p.153)
- Caminho que devemos seguir para atingir um objetivo; é a base mental para o exercício de uma atividade que se deseja alcançar eficácia, e por isso exige a organização de informações, conhecimentos e experiências prévias ou existentes. (LEOPARDI, 1999)

- Para CERVO, BERVIAN e DA SILVA (2007): “Nas ciências, entende-se por método o conjunto de processos empregados na investigação e na demonstração da verdade. Não se inventa um método; ele depende, fundamentalmente, do objeto de estudo”.
- Conjunto de atividades sistemáticas e racionais que permitem alcançar um objetivo com segurança e economia, na medida em que traça um caminho a ser seguido, detecta erros e auxilia as decisões de um cientista. (LAKATOS; MARCONI, 2010)

Como já apresentado, a chamada ciência moderna surgiu no século XVII, e as contribuições de René Descartes para isso foram fundamentais. A proposta do método cartesiano dá início ao pensamento moderno, ao unificar a física e a astronomia, a partir da matemática na investigação científica, conforme influências recebidas de Galileu Galilei. Em “Discurso do Método”, Descartes aponta os preceitos para que se tenha uma boa condução do entendimento:

- a) não se tomar por verdadeiro aquilo que não for certo e evidente em absoluto;
- b) analisar uma ideia, decompondo-a em seus elementos, em suas menores partes possíveis;
- c) ordenar os pensamentos, começando pelos mais simples e mais fáceis de conhecer, para aos poucos, chegar ao conhecimento dos mais compostos e complexos;
- d) buscar a visão sintética da cadeia de razões a fim de se ter, na medida do possível, “uma visão do todo”, uma compreensão daquilo que se pretende estudar.

Daí surgiu a dúvida metódica, o princípio básico do método científico de investigação.

Daí surgiu a dúvida metódica, o princípio básico do método científico de investigação.

O projeto cartesiano visava encontrar a verdade, a partir da reconstrução de todo o conhecimento sobre o qual se baseia as ciências. Nessa investigação filosófica, a análise da realidade deve ser potencializada em seu limite, a partir do método da dúvida. A indubitabilidade visa, portanto, chegar à certeza sobre o real de forma geral. Nesse sentido, a dúvida se apresenta enquanto método (para poder se fundamentar o dogmatismo da ciência), sendo universal (atingindo a tudo que não seja certo de forma absoluta), radical (excluindo tudo aquilo que for passível de ser duvidoso) e provisória (pois trata a todas as coisas assim, até que se saiba sua verdade ou falsidade). (NOVAES, 2013)



O conhecimento comum ou senso comum não se distingue do conhecimento científico pela verdade que apresenta, e muito menos pela natureza do objeto do conhecimento: **o que os diferencia é a forma ou o método de conhecer.** (LAKATOS; MARCONI, 2010)

Assim, MINAYO (2008, p. 35) nos ajuda a entender que, no mundo ocidental, “[...] a ciência é a forma hegemônica de construção do conhecimento”. A autora chega a acrescentar que o conhecimento científico acabou se tornando um novo mito na atualidade, dada sua pretensão de alcançar a verdade. Esta hegemonia da ciência, ainda conforme a autora, ocorre em função de seu poder de dar respostas técnicas e tecnológicas aos problemas e do uso de uma linguagem universal, fundamentada em conceitos e em métodos e técnicas estabelecidos para a compreensão de fenômenos de qualquer natureza. Enfim, em se tratando de conhecimento científico, segundo HABERMAS (1987), a metodologia é “o caminho do pensamento”.

A ciência tem suas regras e são elas que conferem cientificidade e validade ao que é produzido e reproduzido no universo científico. Cada área do conhecimento é constituída por um conjunto de técnicas especializadas de pesquisa, que variam conforme a natureza e as características de seu objeto de estudo. Mas todas as áreas do conhecimento compartilham um conjunto de princípios gerais, que denominamos como **método científico.**

Para compreender melhor o que é método científico e como ele é usado em diversas áreas do conhecimento, veja o vídeo “Métodos e Técnicas de Pesquisa”, produzido pelo Grupo Ânima. Basta clicar no *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=FRRhVzYX2mU>

3 - MÉTODO: QUALITATIVO OU QUANTITATIVO?

A investigação científica - conforme a metodologia adotada – é, com frequência, dividida em dois tipos distintos: a quantitativa e a qualitativa. O primeiro tipo se baseia no paradigma clássico (positivismo/ cartesiano), enquanto o segundo tipo segue um paradigma alternativo.

Os estudos orientados pela doutrina positivista foram influenciados inicialmente pela abordagem das ciências naturais, que postulam a existência de uma realidade externa que pode ser examinada com objetividade, pelo estabelecimento de relações causa-efeito, a partir da aplicação de métodos quantitativos de investigação, que permitem chegar a verdades universais que possam ser generalizadas. Sob essa ótica, os resultados da pesquisa seriam reproduzíveis.

Segundo o positivismo, a lógica e a matemática seriam válidas por se constituírem como regras da linguagem, assim garantindo que o conhecimento torne-se objetivo e claro. Os positivistas consideram que cada conceito de uma teoria deve ter como referência algo observável, e defendem a verificabilidade dos enunciados científicos e a construção de relações lógicas entre os mesmos, impondo um critério preestabelecido (método científico) para agir e pensar, ou seja, possuem um forte caráter normativo. (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004)

FIGURA 3 - Positivismo e o Homem



Fonte: Acervo Institucional.

Dentro do campo das ciências humanas e sociais, há um embate entre duas visões metodológicas, no tocante à realização de pesquisa científica. Aqueles que trabalham com os métodos quantitativos adotam uma orientação que aceita o comportamento humano como sendo resultado de forças, fatores, estruturas internas e externas, que atuam sobre as pessoas gerando determinados resultados. Nessa visão positivista, essas forças ou fatores podem ser estudados não somente pelo método experimental, mas também por levantamentos amostrais.

MOREIRA (2002) destaca que o positivismo contemporâneo tem suas bases em Auguste Comte e John Stuart Mill. Ambos os autores advogavam ser possível que as ciências humanas e sociais realizem suas pesquisas por meio das ciências físicas. Os pesquisadores que aplicam esse tipo de metodologia usam dados vindos de levantamentos amostrais ou outras práticas de contagem,

focando o comportamento humano em termos de variáveis dependentes e independentes. Para esses estudiosos, a operacionalização e quantificação dessas variáveis são extremamente proveitosas, dispondo a oportunidade para procedimentos estatísticos.

O outro posicionamento metodológico para realizar pesquisas é o que defende o estudo do homem, levando em conta que o ser humano não é passivo, mas sim que interpreta o mundo em que vive continuamente. Esse ponto de vista encaminha os estudos que têm como objeto os seres humanos aos métodos do tipo qualitativo. Os estudiosos que se dedicam a esse tipo de pesquisa afirmam que o homem é diferente dos objetos, por isso seu estudo necessita de uma metodologia que considere essas diferenças.

FIGURA 4 - O homem e seu comportamento.



Fonte: Acervo Institucional

Nesse posicionamento teórico, a vida humana é vista como uma atividade interativa e interpretativa, realizada pelo contato das pessoas. Os procedimentos metodológicos, então, são do tipo etnográfico, como por exemplo: observação participante, entrevista, história de vida, dentre outros.

De acordo com MINAYO (2008), os métodos quantitativos têm o objetivo de mostrar dados, indicadores e tendências observáveis, ou produzir modelos teóricos abstratos com elevada aplicabilidade prática. Suas investigações evidenciam a regularidade dos fenômenos.

De uma forma ou de outra, pode-se observar que a pesquisa quantitativa sacrifica significados e simplifica a vida social. Daí a necessidade de novos paradigmas metodológicos que permitissem a valorização destes aspectos.



As críticas iniciadas na Escola de Frankfurt (grupo de intelectuais de inspiração marxista) à visão da “ciência tradicional” e quantitativa, e também o debate iniciado pelo filósofo Thomas Kuhn (1922-1996) ao publicar a “Estrutura das revoluções científicas¹”, no início da década de 60, modificaram a compreensão sobre investigação científica e sobre os métodos para tal. Vale lembrar também o papel da conhecida Escola de Chicago, nas décadas de 1920 e 1930, com sua defesa da pesquisa qualitativa na pesquisa com grupos humanos e da antropologia, com estudos de Boas, Mead, Radcliffe-Brown e Malinowski. Diante dessas várias contribuições, estabeleceu-se então uma nova possibilidade de pesquisa, diferente da positivista. Para alguns estudiosos, principalmente do campo das ciências sociais e humanas, as abordagens quantitativas não seriam satisfatórias, e por isso novas técnicas qualitativas seriam necessárias para a geração de conhecimento científico.

Para cientistas da sociologia e antropologia, pioneiros no uso da pesquisa qualitativa, as ciências sociais têm sua especificidade. Normalmente, o objeto de estudo envolve pessoas que agem de acordo com seus valores, sentimentos e experiências, que estabelecem relações próprias, que estão inseridas em um ambiente mutável, onde os aspectos culturais, econômicos, sociais e históricos não são passíveis de controle, e sim de difícil interpretação, generalização e reprodução.

Na abordagem qualitativa, o cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social –, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito. Assim sendo, temos os seguintes elementos fundamentais em um processo de investigação:

- 1) a interação entre o objeto de estudo e pesquisador;
- 2) o registro de dados ou informações coletadas;
- 3) a interpretação/ explicação do pesquisador.

1 - **Nota:** aos interessados nas ideias de Thomas Kuhn, sugiro ler um resumo do livro “Estruturas das revoluções científicas”, redigido por Silvio Seno Chibeni, do Departamento de Filosofia da UNICAMP, disponível no link: <<http://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/structure-sintese.htm>>

Segundo MOREIRA (2002), é necessário destacar que ainda há e por certo haverá um conflito entre os positivistas que defendem a pesquisa quantitativa, e os interpretacionistas ou interacionistas, e outros que defendem a pesquisa qualitativa, no que tange à cientificidade ou não dos métodos de pesquisa que cada uma das correntes epistemológicas defende.

Para os positivistas, a pesquisa qualitativa é considerada subjetiva e não científica, uma vez que não opera com dados matemáticos que permitem descobrir relações de causa e efeito no tratamento estatístico. MINAYO (2008) destaca que na pesquisa qualitativa, o importante é a objetivação, pois durante a investigação científica é preciso reconhecer a complexidade do objeto de estudo, rever criticamente as teorias sobre o tema, estabelecer conceitos e teorias relevantes, usar técnicas de coleta de dados adequadas e, por fim, analisar todo o material de forma específica e contextualizada. Para a referida autora, a objetivação contribui para afastar a incursão excessiva de juízos de valor na pesquisa: são os métodos e técnicas adequados que permitem a produção de conhecimento aceitável e reconhecido.

Já para os adeptos da pesquisa qualitativa, o estudo da experiência humana deve ser feito entendendo que as pessoas interagem, interpretam e constroem sentidos. Os que defendem essa postura criticam o posicionamento positivista, já que para eles fica a dúvida sobre até que ponto uma abordagem que não se preocupa com a essência do seu objeto pode ser considerada científica.

Muito provavelmente, o embate entre essas duas posições epistemológicas se estenderá por anos. A tradição quantitativa ainda permeia os estudos nas ciências humanas e sociais, e seus adeptos consideram a pesquisa qualitativa impressionista, não objetiva (possui envolvimento do pesquisador com o objeto de estudo) e, portanto, sem caráter científico. Atualmente já existem defensores de investigações científicas que apostam nas abordagens quanti-qualitativas, com frequência denominada como triangulação, defendendo que o melhor de cada uma das abordagens pode ser utilizado em um mesmo estudo. Vale lembrar que realmente há possibilidade de análise das regularidades e de outras quantificações nos estudos que evidenciam os fenômenos de natureza social e humana, em conjunto com a busca da história, das representações e das visões dos sujeitos de pesquisa. Para melhor estabelecer as diferenças entre essas duas abordagens, veja o QUADRO 1.

QUADRO 1 - Pesquisa quantitativa ou qualitativa

Característica	Pesquisa Quantitativa	Pesquisa Qualitativa
Foco	Busca explicar o “por quê”: Preocupa-se com as causas	Busca compreender o “como”. Preocupa-se em entender os fenômenos a partir dos símbolos ou significados atribuídos a eles.
Objeto de estudo	Fatos naturais descritos	Significado humano dados aos fenômenos.
Papel do pesquisador	Distancia-se do fato pesquisado, ou seja, mantém neutralidade.	Olha seu objeto de estudo à luz da sua subjetividade. Envolve-se no fenômeno estudado, ou seja, não se preocupa com a neutralidade e sim com a objetividade.
Objetivos da pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> - Testagem de hipóteses - Descrição e estabelecimento de correlações matemáticas (estatísticas) e causais entre fatos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreensão; explanação - Apreensão e interpretação da relação de significações de fenômenos para os indivíduos e a sociedade.
Amostra/grupo para estudo	Randômica e representativa (estatisticamente definida) de uma população	<ul style="list-style-type: none"> - Proposital e intencional: sujeitos individualmente escolhidos. - Normalmente de pequena grandeza
Instrumentos de pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> - Experimentos e <i>surveys</i> - Observação dirigida - Questionários fechados - Escalas - Classificações nosográficas - Exames laboratoriais 	<ul style="list-style-type: none"> - Habilidade do pesquisador - Observação naturalística ou sistemática, participante ou não - Entrevistas individuais e ou coletivas, fechadas, abertas - Testes psicológicos eventuais
Tratamento/análise dos dados	Uso de técnicas estatísticas, habitualmente feitas por especialistas.	<ul style="list-style-type: none"> - Análise de conteúdo: definição de categorias por relevância teórica de repetição - Análise de discurso
Discussão dos resultados e conclusões	<ul style="list-style-type: none"> - Confirmação ou refutação das hipóteses previamente definidas. - Generalização dos resultados e conclusões 	<ul style="list-style-type: none"> - Interpretação simultânea à apresentação de resultados, - Revisão de hipóteses, conceitos ou pressupostos.

Fonte: PASQUALOTTI; PORTELLA.,[2003?], p. 6-17. (Adaptado).

IMPORTANTE

Dicas para a escolha do método de pesquisa ideal:

- Primeiro é preciso definir os objetivos de sua pesquisa, para saber qual método responderá aos objetivos da investigação científica que você que empreender. (TURATO, 2003, p. 143)
 - “A opção pelo método e também pela técnica de pesquisa depende da natureza do problema que preocupa o investigador, ou do objeto que se deseja conhecer ou estudar”. (SANTOS; CLOS, 1998, p. 1)
 - O melhor método é aquele que mais ajuda na compreensão do fenômeno a ser estudado. (HAGUETTE, 1992)
 - O método escolhido fica evidente a partir da proposição do problema de pesquisa, das hipóteses ou perguntas elaboradas, da delimitação do universo e/ou da amostra a ser pesquisada. A seleção de todo instrumental metodológico está diretamente relacionada à natureza do objeto de estudo, aos objetivos, aos recursos financeiros e aos humanos disponíveis. (LAKATOS, MARCONI, 2010)
-

PARA REFLEXÃO

Analisando seu objeto de estudo, seus objetivos e as aplicações do método qualitativo:

“O método qualitativo é adequado aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam” (MINAYO, 2008, p.57).

A autora ressalta que as abordagens qualitativas são mais adequadas a investigações científicas de grupos, segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob o ponto de vista dos atores sociais, de relações e para análises de discursos e documentos. O método qualitativo envolve a empiria e uma sistematização progressiva do conhecimento até que a compreensão da lógica interna do grupo seja desvelada.

4 - TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS QUALITATIVOS

Se você fez a opção pela pesquisa qualitativa, depois de levantar o conhecimento acumulado (pesquisa bibliográfica) sobre o tema a ser estudado e se apropriar deste conhecimento, principalmente dos conceitos fundamentais para sua compreensão (sugere-se o fichamento analítico dos textos lidos), será preciso investir na coleta dos dados a serem examinados em sua pesquisa.



A pesquisa qualitativa pressupõe que o pesquisador fará uma abordagem empírica de seu objeto. Para tal, ele parte de um marco teórico-metodológico preestabelecido, para em seguida preparar seus instrumentos de coleta de dados, que se bem elaborados e bem aplicados fornecerão uma riqueza ímpar ao pesquisador. De posse desses dados, resta analisá-los a partir de suas categorias analíticas, e assim proceder a uma discussão dos resultados de sua pesquisa.

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos – estudo de casos; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais/registros de campo; históricos interativos e visuais – que descrevem momentos significativos rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Portanto, os pesquisadores dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance. (DENZIN; LINCOLN. *et al.* 2006, p. 17)

IMPORTANTE

Com frequência observam-se pesquisadores confundindo uma revisão de literatura com uma pesquisa qualitativa. A revisão de literatura não pressupõe uma pesquisa empírica², enquanto que na pesquisa qualitativa, a coleta de dados é a garantia do mergulho em profundidade no tema de interesse.

Segundo MINAYO (2008), os instrumentos de trabalho de campo na pesquisa qualitativa permitem uma mediação entre o marco teórico-metodológico e a realidade empírica. Esse manual irá oferecer algumas considerações sobre os mais comumente usados, ou seja: entrevista, observação e grupos focais.

ATENÇÃO!

Antes de entrarmos nas técnicas de coleta de dados, alguns aspectos gerais da pesquisa qualitativa devem ser lembrados:

- Primeiro, com muita frequência, a coleta de dados em pesquisas qualitativas envolve, direta ou indiretamente, seres humanos (entrevistas, grupos focais, histórias de vida, prontuários, resultados de exames laboratoriais, etc.). Neste caso, são muitas as áreas do conhecimento que exigem que o seu projeto de pesquisa seja submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP. A Uma possui um CEP devidamente cadastrado no CONEP/Ministério da Saúde. Assim sendo, seu professor-orientador, responsável tecnicamente por seu trabalho de pesquisa, poderá lhe informar sobre a necessidade de se abrir um protocolo de submissão de seu projeto ao CEP, via site Plataforma Brasil. As reuniões do CEP são mensais e você terá que observar os prazos para submissão dos trabalhos. Após análise da documentação, seu projeto poderá ser aprovado/reprovado ou receber um parecer com “pendências”, e assim você terá 30 dias para atender às

2 - Nota: a pesquisa empírica envolve a coleta de dados a partir de fontes diretas (sujeitos) que vivenciaram ou têm conhecimento sobre um assunto, fato ou situação, e que podem causar diferenças na abordagem e entendimento dos mesmos, conduzindo a uma mudança, acréscimo ou alteração do conhecimento, enriquecendo-o ou modificando-o.

solicitações do CEP. Então, você precisa se planejar para submeter seu projeto no mínimo 90 dias antes da data prevista para início de sua coleta de dados. Maiores informações sobre como fazer, lista de documentação necessária, modelos e tutorial sobre a submissão do projeto no *site* Plataforma Brasil, do CONEP/Ministério da Saúde, podem ser encontradas no *link*: <http://www.una.br/institucional/comite-de-etica-em-pesquisa-37>

- A pesquisa qualitativa exige habilidades do pesquisador:
 - a) perceber e contextualizar o mundo a sua volta;
 - b) se desligar dos valores e interesses dos grupos a serem pesquisados;
 - c) manter a objetividade, ou seja, um grau de distanciamento pessoal (MIDICH; LYMAN, 2006) .

Vale registrar que não se está aqui defendendo a neutralidade do pesquisador, como desejam os adeptos da abordagem positivista, mas sim o zelo de partir para a coleta de dados com referenciais teóricos e metodológicos claros e previamente definidos.

- A pesquisa qualitativa trabalha geralmente com pessoas e com suas criações e estes sujeitos de pesquisa devem ser compreendidos como atores sociais, respeitados em suas opiniões, crenças e valores. Todo trabalho de coleta de informação, deve observar que “[...] a **fala** dos sujeitos de pesquisa é reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos [...]” (MINAYO, 2008, p. 204, grifo nosso) e por isso mesmo é tão rica e reveladora.

A referida autora lembra ainda que esta “fala” muitas vezes é também porta-voz das representações grupais em suas condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas. Assim, caso você opte por usar recursos que permitem gravar as falas ou imagens obtidas em sua coleta de dados, lembre-se que você deve obter autorização formal prévia³ do seu sujeito de pesquisa para isto.

.....

3 - No site do Comitê de Ética, já citado, você dispõe de um modelo de autorização, que você pode adaptar ao seu interesse e utilizar em sua pesquisa.

4.1 - ENTREVISTAS⁴

A entrevista, tomada no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo. (MINAYO, 2008) .

A entrevista é uma oportunidade de conversa face a face, utilizada para “mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes”, ou seja, ela fornece dados básicos para “uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações” em relação aos atores sociais e contextos sociais específicos. (MINAYO, 2008 ; CERVO; BERVIAN, 2007)

4.1.1 - Por que escolher a entrevista como técnica de coleta de dados?

Com o uso de entrevistas, segundo Lakatos e Marconi (2010), você consegue:

- averiguar fatos ocorridos;
- conhecer a opinião das pessoas sobre os fatos;
- conhecer o sentimento da pessoa sobre o fato ou seu significado para ela;
- descobrir quais foram, são ou seriam as condutas das pessoas, sejam elas passadas, presentes ou planejadas (futuras);
- descobrir fatores que influenciam os pensamentos, sentimentos ou ações das pessoas.

Acompanhem no Quadro 2 a seguir, as vantagens e limitações de uma entrevista.

4 - Nota: as considerações aqui elencadas sobre a entrevistas foram previamente feitas e cedidas a esta autora pela Dra. Lecy Moreira, a quem esta autora agradece. A presente autora fez então nesta subseção, um trabalho de compilação de dados a partir da obra: MOREIRA, L. R. **Entrevistas**. 2009. 21 f. Trabalho acadêmico apresentado como requisito parcial à obtenção de créditos na disciplina Metodologias Qualitativas ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 2009.

QUADRO 2 – Vantagens e limitações da entrevista

Pesquisa Quantitativa	Pesquisa Qualitativa
<ul style="list-style-type: none"> • Pode ser usada com sujeitos alfabetizados ou analfabetos (principalmente se comparada ao questionário). • Permite maior flexibilidade ao entrevistador, podendo o mesmo repetir ou modificar seu questionamento até ser compreendido pelo entrevistado. • Oferece maior riqueza de respostas, permitindo ao pesquisador registrar não só as falas, mas as reações, gestos dos entrevistados, etc. • Permite alcançar mais precisão e profundidade quando se busca significados e representações. • Melhor oportunidade para o entrevistador garantir um clima de cordialidade e de disponibilidade em cooperar com a pesquisa (principalmente se comparado com o questionário). 	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldades de comunicação tanto do entrevistador quando do entrevistado podem tornar a entrevista um instrumento nulo. • Exige melhor capacitação ou treinamento do entrevistador. • Possibilidade de o entrevistado ser influenciado pelo entrevistador. • Medo do entrevistado de ter sua identidade revelada ou da falta de sigilo sobre seu depoimento. • Constrangimentos por parte do entrevistado em função dos temas ou de exposição de sua subjetividade. • Ocupa muito tempo do entrevistador, e por isso pode ser mais onerosa. • Dificuldades para ser realizada em função de restrições por parte do entrevistado (agenda, disponibilidade, confiança, vontade de cooperar, etc.). • Exige mais esforço e tempo na análise dos dados coletados (principalmente se comparada ao questionário).

Fonte: LAKATOS e MARCONI, 2010, p. ? (Adaptado).

4.1.2 Tipos de entrevistas

As entrevistas são classificadas conforme tipos ou naturezas. São muitas as classificações existentes. Nesse texto, adotou-se a classificação usada por MINAYO (2008), que considera que **as entrevistas podem ser consideradas conversas com finalidade e se caracterizam pela sua forma de organização**. Elas podem ser classificadas conforme quadro a seguir.

QUADRO 3 - Tipos de entrevistas

Tipo de Entrevistas	Características
Sondagem de opinião/ entrevista totalmente estruturada /questionário	Usa-se um questionário totalmente estruturado, no qual a escolha do informante está condicionada à sua capacidade de dar respostas às perguntas formuladas pelo investigador. Esse tipo de instrumento de coleta de dados não será trabalhado nesse manual, por se tratar de uma técnica mais usada em pesquisas quantitativas.
Entrevista semiestruturada	O roteiro pode possuir até perguntas fechadas, geralmente de identificação ou classificação, mas possui principalmente perguntas abertas, dando ao entrevistado a possibilidade de falar mais livremente sobre o tema proposto.
Entrevista aberta ou em profundidade	O entrevistado é convidado a falar livremente sobre um tema e o entrevistador pode fazer perguntas para alcançar a maior profundidade possível nas respostas.
Entrevista focalizada	Voltada apenas para uma determinada problemática.
Entrevista projetiva ou narrativa	Normalmente são usadas para tratar de assuntos ou temas difíceis de serem abordados. Pode-se usar dispositivos visuais, como filmes, vídeos, gravuras, etc., como uma espécie de convite ao entrevistado. Nessa modalidade, se enquadrariam as chamadas histórias de vida e os grupos focais.

Fonte: MINAYO, 2008, p. ? (Adaptado).

4.1.3 - Preparando-se para as entrevistas

Seja qual for a modalidade escolhida, é preciso proceder um planejamento prévio e ter ciência de algumas especificidades do uso desta técnica. Reunimos então ponderações de CERVO e BERVIAN (2007), MINAYO (2008), LAKATOS e MARCONI (2010) para levantarmos quais cuidados o pesquisador deve ter antes e durante o processo de entrevistas.

- a) Planejar a entrevista,** delineando o roteiro conforme objetivos a serem alcançados. Não incluir no roteiro perguntas que não contribuem com os objetivos. Observar se a linguagem adotada está coerente com a realidade social, econômica e cultural dos sujeitos. Sugere-se que, além de fazer uma lista das questões/perguntas, deve-se destacar as mais importantes.
- b) Selecionar os sujeitos a serem entrevistados,** lembrando que a representatividade do entrevistado deve ser garantida pela capacidade do sujeito fornecer as informações necessárias à sua pesquisa. Como se trata de abordagem qualitativa, a amostra é definida pela saturação da questão a ser analisada. Não há, portanto, um cálculo estatístico prévio para se definir o número de sujeitos que comporão a sua amostra. Assim, quando já se tem informações ricas e suficientes para uma investigação científica, a coleta de dados pode ser suspensa e considerada finita. A técnica de entrevista, pelo tempo envolvido e pela busca da profundidade, acaba limitando o número de sujeitos a serem pesquisados. Vale lembrar que a transcrição de uma entrevista pode ter até 15 páginas ou mais, e isso também limita o número de abordagens, pois é necessário garantir que os conteúdos coletados e sua riqueza especial sejam analisados. Segundo GASKELL (2002, p. 71), há um “limite máximo do número de entrevistas que é necessário fazer e é possível de analisar. Para cada pesquisador, este limite é algo entre 15 e 25 entrevistas individuais, e ao redor de seis a oito discussões coletivas ou grupos focais”. Essa é a projeção deste autor.
- c) Obter, sempre que possível, algum conhecimento prévio acerca do entrevistado,** certificando-se de que ele possa oferecer respostas significativas para suas perguntas e que tem disponibilidade e interesse em cooperar. Lembre-se que o entrevistado deverá assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, para as áreas em que a pesquisa deve ser aprovada pelo Comitê de Ética.
- d) Marcar com antecedência o local, o horário de início e a duração prevista para entrevista.** Informar no contato inicial os objetivos da entrevista, a importância da contribuição dos entrevistados e até o tema e roteiro básico de perguntas que lhe serão feitas. Qualquer transtorno poderá comprometer os resultados da pesquisa.

e) Criar condições, isto é, uma situação apropriada para a entrevista, pois será mais fácil obter informações espontâneas e confidenciais de uma pessoa isolada do que de uma pessoa acompanhada ou em grupo. Apresentação pessoal, clima de cordialidade e conforto são fundamentais. Sugere-se que o entrevistador tenha em mãos suas credenciais institucionais, que podem ser da instituição responsável pela pesquisa ou até a aprovação do Comitê de Ética. Certifique-se que o entrevistado esteja seguro quanto à confiabilidade e o uso das informações prestadas por ele, e se há por parte do mesmo concordância expressa sobre a forma de registro do conteúdo da entrevista (escrever, gravar, filmar, etc.).



Apesar de todos os esforços e cuidados, sempre haverá dificuldades típicas das interações pessoais durante uma pesquisa. Os procedimentos enumerados não são nem normas rígidas nem um preceituário a ser cumprido de forma seriada pelo pesquisador. São sugestões, a partir da experiência, de posturas que podem ajudá-lo no processo de interação e no diálogo com os interlocutores. (MINAYO, 2008)

4.1.4 - Grupos focais

Para MINAYO (2008), as técnicas de grupo mais comuns nas pesquisas qualitativas são os grupos focais e o *brainstorming*. Trataremos aqui do grupo focal, por esta ser um tipo de entrevista geralmente feita com grupos pequenos e homogêneos (seis a 12 pessoas).

A composição dos grupos focais e o número dos mesmos devem ser vistas como intencionais. **O pesquisador deve escolher sujeitos que possuam pelo menos um aspecto comum ou uma característica homogênea relevante para os objetivos da pesquisa.** Se o pesquisador quer se apropriar das discussões sobre opiniões ou visões de mundo, pode escolher compor grupos maiores, mas se quer aprofundar-se nas percepções dos sujeitos da pesquisa, os grupos menores são mais indicados. (BACKES *et al*, 2011).

Existem autores que defendem que os grupos focais podem também ser constituídos por pessoas com características heterogêneas, diversidade esta que pode interessar aos objetivos da pesquisa, embora os grupos homogêneos sejam mais defendidos.



SILVA (1998), em sua pesquisa de opinião com usuários de biblioteca, optou pela realização de grupos focais distintos, separando os participantes em três grupos com características homogêneas: usuários frequentes, usuários pouco frequentes e não usuários.

O grupo focal, desde sua concepção, há mais de 40 anos, tem apresentado ciclos de popularidade. Atualmente, parece ter conquistado níveis de alta popularidade, despertando o interesse não só dos profissionais de *marketing*, área que primeiro explorou essa técnica, como também de sociólogos, psicólogos e outros pesquisadores acadêmicos. (DIAS, 2000)

A dinâmica com os grupos focais deve ser planejada. Nessa etapa do planejamento, é preciso se ater aos objetivos da pesquisa, isto é, o que se pretende e quais as metas específicas a serem alcançadas. Assim, elabora-se uma lista de questões para discussão, compondo um guia de entrevista. Convém ressaltar que essa lista não será utilizada como se fosse uma lista de perguntas, típica de entrevistas individuais. Ela realmente deve servir apenas como guia para o moderador. (DIAS, 2000)

A coleta de dados ocorre a partir das interações com os participantes destes grupos. Cada grupo focal é realizado com a presença de um mediador, papel este que pode ser desempenhado pelo próprio pesquisador. Esse mediador utilizará o roteiro previamente definido e buscará com ele criar um ambiente não diretivo, além de garantir a participação de cada membro do grupo. Sugere-se que exista também um relator ou um observador. O tempo de duração de um grupo focal não deve ultrapassar à uma hora e meia.

Segundo Minayo (2008), o papel do animador ou mediador nos grupos focais deve ser:

- introduzir a temática a ser discutida e manter a discussão acessa;
- esclarecer que não existem respostas certas ou erradas;
- garantir a palavra a cada um dos participantes;
- buscar as chamadas “deixas” para propor aprofundamentos;
- estabelecer relações com participantes para garantir, individualmente, respostas e comentários relevantes;
- observar a comunicação não verbal (gestos, fisionomias, posturas corporais quem fornecem significados);
- monitorar o ritmo do grupo.

A grande vantagem do grupo focal está fundamentada na capacidade das pessoas formarem opiniões e atitudes quando em interação com outras pessoas (MINAYO, 2008). Em uma pesquisa, o investigador pode escolher utilizar os grupos focais exclusivamente ou em conjunto com outras técnicas de coleta de dados. A compreensão sobre as vantagens e limitações dos grupos focais fica mais clara no QUADRO 4.

QUADRO 4 – Vantagens e limitações dos Grupos Focais

Pesquisa Quantitativa	Pesquisa Qualitativa
<ul style="list-style-type: none"> • Baixo custo. • Fornece resultados rápidos. • Formato flexível, permitindo que o moderador explore perguntas não previstas e incentive a interação entre os participantes. • Eficientes para obter informações qualitativas. • Eficiente para esclarecer questões complexas no desenvolvimento de projetos. • Adequado para medir o grau de satisfação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Formato flexível torna susceptível à maneira de ser do moderador. • Não fornece dados quantitativos das pessoas envolvidas. • Informações obtidas não podem ser generalizadas e podem ser difíceis de serem analisadas. • Não garante total anonimato. • Exige facilitador/moderador com experiência em conduzir grupos. • Eficiência depende da seleção criteriosa dos participantes. • As discussões podem ser desviadas ou dominadas por poucas pessoas. • Comentários devem ser interpretados no contexto do grupo.

Fonte: GOMES e BARBOSA, 1999, p. ?. (Adaptado).

O objetivo central do grupo focal é identificar sentimentos, atitudes e ideias dos membros a respeito de um determinado assunto ou tema. Em pesquisas exploratórias, o grupo focal pode ser usado para gerar novas ideias ou hipóteses e estimular o pensamento do pesquisador. Para aqueles que optarem pelo uso do grupo focal, vale lembrar ainda outras limitações desta técnica. Há de se considerar o risco de alguns participantes sentirem-se reprimidos diante da postura grupal, e assim desencorajados de manifestarem opiniões dissidentes. (BACKES. *et al*, 2011).



Para aqueles que optarem pela utilização dos grupos focais, fica a sugestão de conhecerem mais profundamente a técnica. A leitura do artigo "Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos", de Sonia Gondim, publicado em 2003, é muito rica. Acesse o *link*:

<http://www.revistas.usp.br/paideia/article/viewFile/46653>

<http://www.revistas.usp.br/paideia/article/viewFile/46653/50409/>

Os alunos da área de saúde podem também consultar o artigo de Leny B. Trad, publicado em 2009: "Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde", no *link*:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000300013

4.1.4 - História de vida: uma entrevista projetiva ou narrativa⁵

MINAYO (2008) demonstra que alguns autores utilizam a expressão "entrevista narrativa" para designar uma forma de entrevista realizada por meio de "conversas com finalidade" de obter uma história de vida ou experiência de vida. Estas entrevistas podem ser feitas em um único encontro, ou podem ser subdivididas em seções/eventos, conforme interesse das partes. Não há indicação de duração ou quantidade preestabelecida. A narrativa e a sensibilidade do entrevistador poderão gerar estas definições.

A opção por essa estratégia de coleta de dados não precisa ser única. Pode-se utilizar mais de uma técnica de coleta de dados em uma mesma pesquisa e, depois, no momento da análise, retirar de cada uma sua contribuição. A maior parte dos cuidados e zelos recomendados ao uso da entrevista de forma geral, se aplicam aqui. Porém, existem algumas especificidades que devem ser consideradas.

5 - **NOTA:** agradecimentos especiais à Prof. Dra. Lecy Moreira, que muito gentilmente permitiu o uso de muitas informações aqui consideradas nesta seção. Tais considerações encontram-se registradas no trabalho da autora: MOREIRA, L.R. **Fundamentos e pressupostos teórico-metodológicos da história de vida.** Trabalho apresentado ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da UFMG. 2009.

Essa estratégia envolve um sujeito, sua história e sua memória. Assim, nesta técnica, é fundamental lembrar que a memória parte do presente. Dessa forma, a dimensão da temporalidade deve ser considerada por aqueles que pretendem usar a história de vida. Isso significa que uma mesma história contada e relatada por quem viveu essa história pode apresentar diversas versões, e se ocorrer um espaço de tempo entre a primeira e as versões seguintes, por exemplo, pode até parecer que são histórias diferentes, com sentidos diversos. Isso porque os “enredos” que compõem essas histórias são traçados por tramas subjetivas/intersubjetivas que, em momentos diferentes, podem ser estruturadas e configuradas de uma maneira e em outros momentos estruturados e configurados de outras maneiras. Assim, há de se considerar que o sujeito não está “mentindo” em nenhuma delas, mas resignificando o que foi vivido em conformidade com seus valores e expectativas de papel vividas no presente (ARFUCH, 2002).

Segundo JOVCHELOVITCH e BAUER (2002), a entrevista de história de vida deve ser preparada considerando-se as fases e especificidades a seguir:

- a) Preparação: formulação de questões/tópicos e não de roteiros, como nas entrevistas comuns. Preparação do ambiente.
- b) Iniciação: apresentação, esclarecimentos, formulação do tópico inicial da narrativa e definição sobre meios auxiliares (gravador, câmara, registro escrito, etc.).
- c) Narração central: usar apenas encorajamentos verbais para a continuidade da narrativa (“e então?”). Não interromper. Observar sinais não verbais para finalizar cada seção ou parte.
- d) Perguntas: não julgar ou comentar a narrativa. Não discutir contradições e muito menos perguntar “por que?” Deve-se apenas perguntar “O que aconteceu então?”.
- e) Conclusão: parar de gravar ou anotar. Agradecer e/ou agendar nova oportunidade para continuar. Se necessário, fazer anotações complementares à gravação logo depois da entrevista.

4.2 - OBSERVAÇÃO

Assim como a técnica de entrevista, a observação exige um contato face a face do pesquisador com o seu objeto de estudo. Da mesma forma que ocorre com as entrevistas, no caso da observação, não será o número de observações realizadas que define a credibilidade dos dados de uma pesquisa, mas sim a profundidade e a amplitude alcançadas ao longo do processo de coleta de dados.

Segundo LIMA (2008), a observação exige que o pesquisador utilize todos os seus cinco sentidos para examinar uma realidade a ser investigada, seja ela uma comunidade, uma vila, uma empresa, um grupo, um fato ou fenômeno, etc. Antes de iniciar uma observação, é preciso definir os objetivos da pesquisa, definir um roteiro de observação, deixando claramente estabelecido o que será observado. Também é necessário definir a regularidade das observações e a extensão do tempo previsto para o processo de coleta de dados.

Na pesquisa qualitativa, segundo a mesma autora, a validade da técnica de observação depende:

- da capacidade de reunir múltiplas fontes de informação;
- da capacidade do pesquisador dissolver pré-conceitos e desvelar comportamentos “maquiados”;
- da riqueza de detalhes presentes nas descrições ou diários de campo;
- dos diferentes ângulos que o observador foi capaz de identificar e resgatar para compreender a realidade;
- da capacidade do observador imprimir sentido àquilo que observa.

De forma geral, no Quadro 5 reunimos as vantagens e limitações desta técnica de coleta de dados:

QUADRO 5 – Vantagens e limitações da técnica de observação

Vantagens	Limitações
<ul style="list-style-type: none"> • Cria oportunidades para coletar uma variedade de dados e observar uma variedade de fenômenos. • Não exige do pesquisador um controle sobre o grupo a ser observado. • Exige menor capacidade de introspecção ou de reflexão imediata do pesquisador. • Permite evidenciar dados da vida cotidiana do fenômeno ou fato pesquisado, que não são obtidos por outras técnicas, como a entrevista, por exemplo. 	<ul style="list-style-type: none"> • O observado tende a criar impressões favoráveis ou desfavoráveis no observador. • Existem fatos que ocorrerão de maneira espontânea ou não prevista, o que pode impedir o observador de perceber sua relevância, de registrá-lo ou de presenciá-lo. • A duração dos acontecimentos ou eventos pode ser variável: muito rápida ou muito demorada. Isso exige maior atenção ou disponibilidade do pesquisador. Podem ocorrer fatos simultâneos também. • Aspectos da vida particular dos sujeitos observados podem não ser acessíveis ao observador. Neste caso, costuma-se ter que associar outra técnica de coleta, como por exemplo, a entrevista.

Fonte: LAKATOS e MARCONI, 2010, p. ? (Adaptado).

4.2.1 - Tipos de Observação

Existem nomenclaturas diversas para os tipos de observação como técnica de coleta de dados em pesquisas científicas. Adotaremos as modalidades descritas por LAKATOS e MARCONI (2010), a partir de Ander-Egg.

FIGURA 5 - Os diferentes tipos de observação na pesquisa científica



Fonte: MARCONI e LAKATOS, 2010, p. ? (Adaptado).

A Observação Sistemática ou Estruturada é previamente planejada e normalmente utiliza recursos auxiliares para coleta de dados. Realiza-se sob condições controladas, visando responder a objetivos pré-definidos. Neste caso, o observador possui clareza quanto às variáveis a serem observadas (LAKATOS; MARCONI, 2010)⁶. É a mais recomendada no campo da pesquisa científica.

A técnica de **observação assistemática ou não estruturada**, ou ainda espontânea, é feita sem que o pesquisador utilize meios técnicos para registro ou faça perguntas diretas aos observados. Essa técnica é mais adequada aos estudos exploratórios, pois não tem planejamento prévio e muito menos controle de variáveis a serem observadas. Essa observação pode ser fruto de uma experiência casual. Esse tipo de observação apresenta perigos em função do registro inadequado de dados (muitas vezes

6 - Idem.

depende da memória do observador), ou em função da falta de perspicácia do pesquisador. Exige-se, neste caso, um olhar treinado por parte do pesquisador. (LAKATOS; MARCONI, 2010)

A **observação individual** refere-se ao uso da técnica por um único pesquisador. Embora muito comum, o pesquisador pode sofrer com as limitações de controle sobre todas as variáveis, com dificuldades para registro de informações e até com interferência de sua personalidade. Já a **observação em equipe**, permite que o fenômeno observado possa ser registrado a partir de vários ângulos. Há vantagens, dada a possibilidade de confrontar dados posteriormente. (LAKATOS; MARCONI, 2010)

Quanto à **observação em laboratório**, esta ocorre em ambiente previamente controlado, ou seja, possui um caráter artificial. Normalmente é inadequada à observação dos comportamentos humanos, pois muitos aspectos da vida humana não podem ser observados em condições de laboratório. Já a **observação da vida real ou naturalística** ocorre em ambientes reais, onde o pesquisador irá registrar dados na medida em que estes irão ocorrendo espontaneamente. (LAKATOS; MARCONI, 2010)

Quanto às **observações participante ou não participante**, será dedicada à essas modalidades uma seção especial, tamanha relevância destas práticas metodológicas no campo da pesquisa qualitativa.

4.2.2 - Observação Participante ou Não Participante?

Vale lembrar que existem dois tipos de observação: a participante e a não participante. Segundo LIMA (2008), **a observação não participante é indicada quando pesquisador considera que o êxito na coleta de dados depende de sua capacidade de resguardar sua identidade**. Nesse caso, o pesquisador assume uma postura de simples espectador dos eventos observados ou do cotidiano de um grupo.

Já a **observação participante é recomendada quando o pesquisador julgar que sua participação direta no evento ou fato a ser observado gerará maior profundidade na compreensão do mesmo**, além de possibilitar uma intervenção por parte do pesquisador no fenômeno, fato ou grupo. Por esse motivo, geralmente a observação participante vem também carregada de propósitos políticos, e está fundamentada nos paradigmas que não concordam com

a neutralidade e imparcialidade do pesquisador. Um de seus pontos fortes é integrar o observador à sua observação, aproximar o sujeito conhecedor ao seu conhecimento.

Tanto LIMA (2008) quanto MINAYO (2008), apontam que a observação participante é a técnica mais utilizada nas pesquisas de natureza qualitativa. Nesta técnica, o observador faz parte da vida dos observados e assim é parte do contexto sob observação. Ao mesmo tempo em que investiga, é capaz de modificar o objeto pesquisado e também de ser modificado pelo mesmo.



MINAYO (2008) lembra que um dos trabalhos de campo clássicos nesta área foi feito pelo antropólogo Malinowski, em 1992, com os nativos da Ilha de Trobiand. Sua pesquisa foi descrita no livro “Os Argonautas do Pacífico”. Nesse texto, conforme destaca a referida autora, Malinowski ensina o que deve ser observado em uma realidade empírica:

- o conjunto de regras/ fórmulas implícitas;
 - a forma de obediência ou de transgressões a estas regras;
 - os laços ou sentimentos de amizade, antipatia ou simpatia no grupo;
 - o aspecto legal e o aspecto íntimo das relações sociais;
 - as tradições, costumes e a importância dada a eles;
 - as ideias, motivos e sentimentos do grupo na compreensão sobre a totalidade de suas vidas, sejam expressos ou não.
-

Ainda lembrando as contribuições clássicas da antropologia, MINAYO (2008) faz referências à necessidade do pesquisador dominar os referenciais teóricos necessários à sua investigação, e desta forma ser capaz de estabelecer o que vai observar com clareza e quais são as variáveis relevantes que irão ocupar seu diário de campo. Enfim, é fundamental que o pesquisador que optar pela observação seja capaz de confrontar as teorias aos fatos empíricos. Para isso, o pesquisador deve ser capaz de se abrir à realidade, dispor-se a viver no contexto observado, observando-o à luz dos paradigmas que o guiam.

Ao realizar uma observação participante, segundo QUEIROZ *et al* (2007), o pesquisador deve se preparar, cuidando para que as fases desta abordagem sejam devidamente planejadas.

- a) Aproximar-se do grupo a ser observado:** aproximação do pesquisador ao grupo social em estudo. Esse é um trabalho longo e difícil, pois o observador precisa trabalhar com as expectativas do grupo e garantir aceitação e confiança.

- b) Conhecer o grupo a ser observado:** o pesquisador deve procurar adquirir uma visão de conjunto do grupo. É importante reconstruir a história de vida do grupo, levantar dados em documentos, conhecer pessoas e/ou instituições relevantes, anotar em seu diário de campo as observações relevantes da vida cotidiana do grupo em estudo.

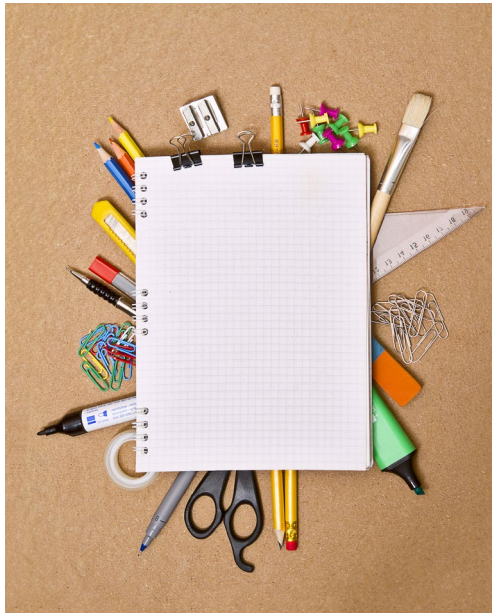
- c) Sistematizar e organizar os dados:** essa é a fase final, ou seja, a fase em que a pesquisa revela seus resultados. É uma etapa difícil e delicada. A análise dos dados deve informar ao pesquisador a situação real do grupo e sobre a percepção que esse possui de seu estado. Daí a riqueza de uma pesquisa qualitativa.



Vale lembrar que o observador, na pesquisa científica, não é figura neutra ou imparcial. O que observar ou como observar são questões influenciáveis pelos esquemas teórico-metodológicos adotados pelo pesquisador.

4.2.3 - Diário de Campo

FIGURA 6 - Diário de Campo



Fonte: Acervo institucional

A observação participante, com frequência, utiliza um instrumento para registro de informações: o diário de campo. Pode-se usar um caderninho para notas, uma planilha, ou um dispositivo eletrônico que permita estes registros. Devem ser registradas as percepções diárias do pesquisador, seja de forma escrita, seja de forma gravada. Devem-se registrar conversas informais, observações de comportamento, falas e impressões pessoais (que normalmente vão se modificando com o tempo) sobre as categorias ou pontos a serem investigados.

Segundo FALKEMBACH (1987), os diários de campo devem possibilitar registros minuciosos, como por exemplo:

- descrições dos sujeitos (aparência, maneira de vestir, modo de falar e agir, particularidades dos indivíduos);
- visões de mundo dos sujeitos (grau de religiosidade, valores, elementos culturais ligados ao processo de trabalho, de saúde, etc.);
- falas dos sujeitos (diálogos, palavras, gestos, expressões faciais, pronúncias);
- descrição do espaço físico (organização, desenho espaço, mobília e outros entes

concretos);

- descrição de atividades dos sujeitos (detalhamento corporal e registros de entes concretos);
- relatos de acontecimentos (forma como aconteceram e natureza das ações);
- comportamento do próprio observador (aspectos que possam interferir na coleta de dados).

Enfim, deve-se atentar para o fato de a riqueza dessa técnica de observação estar geralmente na qualidade do diário de campo: detalhes, impressões e registros farão a diferença na fase de análise dos dados coletados.

5 - TÉCNICAS PARA ANÁLISE DE DADOS QUALITATIVOS

Em primeiro lugar, é preciso ressaltar que todo material coletado nas pesquisas qualitativas deve ser primeiro preparado para que possa ser analisado. Veja as etapas que essa preparação inclui.

- a) Transcrição de materiais gravados (áudio ou vídeo): no documento escrito, inserir um cabeçalho identificando o material com o nome do entrevistado, da instituição (se for o caso), data da entrevista e a forma como ele será tratado no texto final de sua pesquisa, ou seja, um apelido ou um codinome para garantir o sigilo da mesma. Registrar também a forma de contato com o mesmo (*e-mail*, telefone, etc.).
- b) Na organização do material, registrar sempre a pergunta feita, tópico ou variável observada, e a resposta dada ou informação coletada. Sugere-se pergunta/tópico em **negrito** e resposta/informação sem destaque gráfico.
- c) Registrar o comentário anotado pelo pesquisador durante a coleta de dados seja ela, entrevista, observação, etc. Usar algum recurso gráfico para que estes comentários, anotados no calor da interação social, não sejam confundidos com perguntas, respostas ou registros. Eles poderão ajudar na correção de distorções, na validação ou não de uma anotação, ou seja, na análise dos dados.
- d) Após organização preliminar do material, separar o que será relevante para a análise. Essa separação exige que o pesquisador, de posse de sua escolha metodológica e teórica, utilize as recomendações específicas para cada análise pretendida. De maneira geral,

- ele deve organizar o material por palavras, temas, tópicos ou até categorias analíticas, caso estas já estejam definidas. Maiores informações sobre esta fase serão repassadas a seguir.
- e) No caso de material já registrado de forma escrita no momento da coleta, seja em diários de campo ou outros meios, é necessário organizar todo o material. Se a observação foi sistemática, reunir todos os conteúdos que já foram registrados em categorias ou tópicos em um relatório final, ainda mantendo a separação por categorias analíticas ou tópicos estabelecidos nos registros de campo. Normalmente, antes da atividade de observação, o pesquisador, a partir do paradigma teórico escolhido, já definiu as suas categorias de análise em função de sua pergunta de pesquisa e de seus objetivos. No caso de observações não sistemáticas, embora inicialmente o material geralmente não esteja organizado por categorias ou tópicos, é necessário organizar o material, separando as informações que serão consideradas relevantes a partir de tópicos ou as categorias analíticas definidas para a análise do mesmo.
- f) Caso deseje, conforme natureza do material e demanda do paradigma teórico-metodológico escolhido, o pesquisador pode usar um registro quantitativo para organizar as respostas qualitativas. Trata-se de levantar a distribuição de presença e não propriamente de frequência, o que pode facilitar a análise. Não se trata aqui de fazer um tratamento estatístico das respostas.

Em segundo lugar, considerando que o material coletado já está organizado, vale lembrar que a análise de dados qualitativos é a etapa que exige muita atenção, muito tempo e muita perspicácia do pesquisador. MINAYO (2008), inspirando-se em Lawrence Bardin, destaca que existem três grandes obstáculos que devem ser rompidos.

- a) **Ilusão da transparência:** os dados coletados não revelam com transparência o real. Não se deve fazer uma interpretação espontânea e literal dos mesmos, pois são sempre registros simbólicos e polissêmicos. É preciso romper com a ilusão, com a ingenuidade sociológica e com o empirismo para buscar os significados que os sujeitos sociais, em suas falas, escritos e registros diversos nos indicam ou sinalizam.

- b) **Magia dos métodos e técnicas:** a análise exige uma fidedignidade para compreensão do material que reflete as relações sociais dinâmicas e vivas. O pesquisador não pode se render às técnicas. Estas devem representar o papel de mediadoras, ou seja, apenas podem contribuir com o desvelar do real.
- c) **Junção e síntese das teorias:** essa é a maior dificuldade para a maioria dos pesquisadores. A construção do conhecimento exige que os dados coletados não sejam apenas descritos. Essa descrição revela sua natureza bruta. Mas estes devem ser analisados à luz dos paradigmas teóricos adotados pelo pesquisador.

Assim, MINAYO (2008) sugere que dados qualitativos devem ser trabalhados a partir de uma das três abordagens mais conhecidas: análise de conteúdo, análise do discurso e análise dialética/hermenêutica. A escolha da abordagem depende da corrente de pensamento ou paradigma à qual o pesquisador se filia.

5.1 - ANÁLISE DE CONTEÚDO

A análise de conteúdo é uma técnica de tratamento de dados coletados, que visa à interpretação de material de caráter qualitativo, assegurando uma descrição objetiva, sistemática e com a riqueza manifesta no momento da coleta dos mesmos. Essa técnica surgiu com essa denominação nos Estados Unidos, durante a Primeira Guerra Mundial e, na época, buscava assegurar a objetividade para análises qualitativas e as equiparar às análises quantitativas. Tais intenções e usos desta técnica se mantiveram até a Segunda Guerra. Nas décadas de 1950 e 1960, a análise de conteúdo ressurgiu, mas vem com a intenção de destacar o conteúdo expresso na mensagem e suas representações, deixando de lado a preocupação com as quantificações, embora até hoje hajam polêmicas entre as duas abordagens da técnica. (BARDIN, 2009)

São conhecidas várias modalidades de análise de conteúdo: lexical, de expressão, de relações, de enunciado e temática. Dentre elas, a análise temática é a mais simples e, portanto, considerada mais apropriada para pesquisadores iniciantes na técnica. Assim, as considerações a seguir procuram focar nesta modalidade de análise.

Para BARDIN (2009), a análise de conteúdo temática deve ter como ponto de partida uma organização. As diferentes fases da análise de conteúdo organizam-se em torno de três polos:

1. a pré-análise;
2. a exploração do material; e, por fim,
3. a tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação.

Para a referida autora, na fase da pré-análise estabelece-se uma organização do material, a partir da escolha de documentos/informações relevantes, permitindo-se uma “leitura flutuante” do material até que a decisão sobre quais informações devem ser consideradas na análise fique mais clara.

Embora algumas considerações já tenham sido feitas na parte inicial desta seção, vale destacar a visão de BARDIN, que observa que nesta fase não se pode abrir mão de algumas regras específicas.

- A “regra da exaustividade” (todos os elementos relevantes devem estar presentes no material).
- A “regra da representatividade” (o conjunto de elementos escolhidos para análise devem ser representativos do universo inicial de dados).
- A “regra da homogeneidade” (o material selecionado deve se ater aos tópicos ou variáveis a serem analisados, deixando para trás as suas singularidades que fogem deste universo);
- A “regra da pertinência” (o material a ser analisado deve ser pertinente aos objetivos do trabalho).

Na fase da exploração do material, BARDIN (2009) ressalta que a análise do material exige sua codificação, ou seja, sua transformação de dados brutos dos textos por recortes, agregação ou enumeração, até que sua codificação atinja a representação do conteúdo ou sua expressão. Para codificação, pode-se usar palavras, temas, contextos, relações, personagens, etc., até se chegar à categorização dos mesmos. Sugere-se aqui utilizar a modalidade temática, que enfatiza o “tema”, como já foi exposto anteriormente.

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e em seguida por reagrupamento segundo o gênero (analogia)

com os critérios previamente estabelecidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um conjunto de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento este efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos. O critério de categorização pode ser semântico (por exemplo, todos os temas que significam ansiedade ficam agrupados na categoria ansiedade [...]), sintático (os verbos e os adjetivos), léxico (classificação de palavras segundo seu sentido [...]) e expressivo (por exemplo, categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem). (BARDIN, 2009, p.117)

Para se chegar na fase três, do tratamento dos resultados, o pesquisador deve realizar as interpretações dos dados a partir da teoria escolhida. Como já foi abordado, essa interpretação pode fazer uso de quantificações e/ou se restringir as análises qualitativas.



Àqueles que optarem pela análise de conteúdo para tratamento dos dados, sugere-se uma leitura mais detalhada do livro "Análise de conteúdo", de Lawrence Bardin. Trata-se de uma obra de referência na área, cuja riqueza é imprescindível.

5.2 - ANÁLISE DO DISCURSO

É uma técnica muito usada no campo da linguística e das ciências sociais. O objetivo desta análise é compreender as condições de produção e apreensão dos significados dos textos a serem analisados. Seu criador é Michel Pêcheux, um filósofo francês que fundou a escola francesa de análise do discurso na década de 1960. Essa técnica se aplica aos estudos que pretendem analisar a linguagem, tanto de senso comum como de discursos políticos, e se fundamenta no materialismo histórico, na própria linguística e na teoria do discurso. Também a teoria da subjetividade, de cunho psicanalítico, é adotada para a compreensão dos significados. (MINAYO, 2008)

Segundo o próprio PECHOUX (1988), os pressupostos da análise de discurso são:

- a) o sentido de uma palavra não existe em si mesmo, pois expressa ideologias existentes no contexto sócio-histórico em que a palavra ou expressão foi produzida;
- b) todo discurso dissimula sua relação com as ideologias, à medida em que se propõe transparente.

Os defensores desta técnica afirmam que um “texto” deve ser considerado como uma unidade significativa, revelador de conteúdos situacionais de seus falantes e de seus discursos. Toma-se como princípio que não existe discurso sem sujeito, não existe também sujeito descontextualizado, portanto, não existe discurso sem ideologias. A produção de discursos faz parte de um sistema social dado, e esse sistema social possui uma lógica.



Vale ressaltar que a análise de discurso tem como objeto de estudo a análise de uma unidade denominada como “texto”. A palavra “texto” é um conceito. Um texto pode ser uma simples palavra, pode ser conjunto de frases ou até um documento completo. Porém, texto distingue-se de discurso. O discurso é uma linguagem em interação e representa relações estabelecidas.

A palavra discurso é um conceito teórico metodológico, enquanto texto é um conceito de caráter analítico. O texto é uma unidade montada para fins de análise, pois ele contém a totalidade da linguagem, as relações de força nela estabelecidas, seus sentidos e os próprios movimentos do falante em relação aos seus ouvintes. Ressalta-se aqui que até o silêncio deve ser observado e analisado, pois ele tem suas condições de produção: o dito e o não dito são igualmente importantes e formam um jogo de cena. Tanto há silêncios que dizem como há falas que silenciam. (MINAYO, 2008)

Para realização da análise do discurso, PECHOUX (1988) afirma que é preciso que o pesquisador realize algumas ações.

- a) Primeiro, deve-se estudar as palavras do texto: quais são os seus termos constituintes, adjetivos, substantivos, verbos e advérbios, até que se compreenda a construção das frases.

- b) Em seguida, cada frase deve ser dividida em proposições. Isso exige operações linguísticas para restabelecimento de ordem, reagrupamento de termos e explicitação de proposições latentes. O pesquisador deve, em termos práticos, refazer o discurso, para que as proposições possam ir sendo reduzidas a unidades mínimas.
- c) As unidades mínimas são possíveis em função dos mecanismos de produção dos discursos, pois estes envolvem a “repetição do idêntico”, de formas diferenciadas. Ou seja, busca-se, por trás de variações, a unidade que dá sentido ao conjunto.
- d) Por fim, elabora-se a análise, considerando a produção social do texto como geradora de seu sentido.



Para aqueles interessados em usar a análise do discurso, vale a pena recorrer aos ensinamentos de Eni Orlandi, no livro “A linguagem e seu funcionamento: as formas de discurso”. A autora é uma brasileira, discípula de Pechoux, mas consegue trazer para o leitor uma lógica operacional menos árida e mais adequada ao campo das ciências sociais. Pechoux pressupõe que a técnica de estabelecer uma unidade de análise possua uma estrutura mínima, a ponto de ser passível fazer análises em gráficos e classificações na forma binária.

5.3 - ANÁLISE HERMENÊUTICA DIALÉTICA

A proposta hermenêutica surge como uma teoria para interpretação dos sentidos visando uma compreensão. **A hermenêutica é a arte de compreender textos**, vistos aqui como documentos, narrativas, entrevistas, livros, etc.

MINAYO (2008) esclarece que o processo de compreensão, no campo da pesquisa qualitativa principalmente, começa com o exercício da negação (as palavras ou discursos dizem muito mais

do que está escrito). Aplicando a esta afirmativa uma proposição dialética, a autora esclarece que existem múltiplas possibilidades de interpretação e compreensão. Assim, embora a compreensão exija um movimento do todo às partes e vice-versa, é preciso esclarecer que nessa abordagem, o pesquisador nunca conseguirá abranger o sentido total e definitivo das coisas: sua leitura ou sua compreensão será sempre “a possível”, se dará sobre o olhar do presente e de seus interesses.

A finitude do compreender representa as limitações da consciência histórica do pesquisador. Assim, nessa técnica de análise de dados o **compreender** acaba sendo também um **compreender-se**. Nessa abordagem, a perspectiva histórica e dialética são extremamente relevantes, pois são elas que revelam as vinculações concretas dos objetos em estudo, valorizando a historicidade e a relação entre a base material e a representações da realidade.

Assim, na análise hermenêutica dialética, a referida autora destaca os pressupostos a seguir, que aqui assumem um caráter orientador em sua proposta operativa de pesquisa.

- a) A compreensão de um objeto passa pela compreensão das condições históricas de qualquer manifestação simbólica.
- b) Não há observador imparcial e nem há ponto de vista fora da realidade humana e de seu contexto histórico.
- c) As ferramentas de pensamento ou análise não se constituem como instrumentos neutros que garantem uma objetividade positivista. O próprio investigador parte da realidade que investiga.
- d) O tecnicismo não é um caminho que garante a compreensão isenta e muito menos uma crítica acabada dos processos sociais.
- e) Essa abordagem se refere sempre à práxis e busca desvendar os condicionantes da produção intelectual, marcada pela tradição, pelos pré-juízos, pelo poder, pelos interesses e pelas próprias limitações do desenvolvimento histórico. Nossos conhecimentos são sempre relativos e apenas se aproximam da plenitude da realidade.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa*. 2 ed. São Paulo: Pioneira/ Thomson, 2004.

ARFUCH, Leonor. La vida como narración. In: _____. *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporânea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002. cap. 3.

BACKES, Dirce Stein. et al. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. *Revista Mundo da Saúde*, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 438-442. 2011. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/grupo_focal_como_tecnica_coleta_analise_dados_pesquisa_qualitativa.pdf>. Acesso em 20 jul. 2014.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/alasiasantos/analise-de-conteudo-laurence-bardin>>. Acesso em 22 jul. 2014.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; DA SILVA, Roberto. *Metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Pearson, 2007.

CHIBENI, Silvio Seno. *Síntese de A Estrutura das Revoluções Científicas, de Thomas Kuhn*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/structure-sintese.htm>>. Acesso em: 16 set. 2014.

DENZI, Norman. K; LINCOLN, Yvonna. S.; e Colaboradores. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, Cláudia Augusto. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. *Revista Informação & Sociedade: Estudos*, v. 10, n. 2, 2000. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/330/252>>. Acesso 21 jul. 2014.

FALKEMBACH, Elza Maria F. Diário de campo: um instrumento de reflexão. *Contexto e educação*. Ijuí, v. 2, n. 7, jul./set. 1987, p. 19-24.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.;

GASKELL, George. (Ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 4 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 64-89.

GOMES, Maria Elasir; BARBOSA, Eduardo. F. *A técnica de Grupos Focais para obtenção de dados qualitativos*. Educativa - Instituto de Pesquisas e Inovações Educacionais. Disponível em: <http://www.tecnologiadeprojetos.com.br/banco_objetos/%7B9FEA090E-98E9-49D2-A638-6D3922787D19%7D_Tecnica%20de%20Grupos%20Focais%20pdf.pdf>. Acesso em 22 jul. 2014.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia*, v. 12, n. 24, 149-161, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2014.

GRUPO ANIMA EDUCAÇÃO. *Manual de Métodos Quantitativos de Pesquisa: Suporte ao trabalho de conclusão de curso (TCC)*. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://disciplinas.nucleoead.com.br/pdf/anima_tcc/gerais/manuais/manual_quanti.pdf>. Acesso em: 16 set. 2014.

HABERMAS, Jurgen. *Dialética e hermenêutica*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 3 ed. ver. amp. Petrópolis: Vozes, 1992.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 90-113.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEOPARDI, Maria Tereza. *Teorias de enfermagem: instrumentos para a prática*. Florianópolis: PAPA-Livros, 1999.

LIMA, Manolita Correia. *Monografia: a engenharia da produção acadêmica*. 2 ed. rev. atual. São Paulo: Saraiva, 2008.

MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA. Postado por EaD Anima. (16 min. 17 seg.); son. color. Port. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FRRhVzYX2mU>>. Acesso em: 15 set. 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento*. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira/Thomson, 2002.

MOREIRA, Lecy Rodrigues. *Entrevistas*. 2009. 21 f. Trabalho acadêmico apresentado como requisito parcial à obtenção de créditos na disciplina Metodologias Qualitativas ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 2009.

MOREIRA, Lecy Rodrigues. *Fundamentos e pressupostos teórico-metodológicos da história de vida*. 2009. 29 f. Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 2009.

NOVAES, Edmarcius Carvalho. *Descartes e o nascimento da filosofia moderna*. In: BLOG DO ED. 30 set. 2013. Disponível em: <<http://edmarciuscarvalho.blogspot.com.br/2013/09/descartes-e-o-nascimento-da-filosofia.html>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

PASQUALOTTI, Adriano; PORTELLA, Marilene Rodrigues. *Quantitativo-Qualitativo: o que precisamos saber sobre os métodos?*. Universidade de Passo Fundo. Faculdade de Educação, [2003?]. Disponível em: <usuarios.upf.br/~pasqualotti/quantitativo_qualitativo.ppt>. Acesso em: 15 set. 2014.

PECHOUX, Michel. *Semântica e discurso*. Campinas: UNICAMP, 1988.

QUEIROZ, Danielle Teixeira. et al. *Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde*. R Enferm UERJ, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, abr/jun 2007, p. 276-83. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2014.

SANTOS, Iraci dos; CLOS, Araci Carmen. *Pesquisa quantitativa e metodologia*. In: GAUTHIER, Jacques Henri Maurice. et al. *Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998. p. 1-17.

SILVA, Antonio Felipe Galvão. *Marketing em unidades de informação: estudo de caso na biblioteca do Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados, CPAC, da Embrapa : pesquisa qualitativa de opinião*. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília.

Site "UNA". Comitê de Ética em Pesquisa. Disponível em: <<http://www.una.br/institucional/comite-de-etica-em-pesquisa-37>>. Acesso em: 15 set. 2014.

TRAD, Leny A. Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde.

Physis. Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, 777-796, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v19n3/a13v19n3.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2014.

TURATO, Egberto Ribeiro. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes, 2003.

VIDICH, Arthur. J.; LYMAN, Stanford. M. *Métodos qualitativos: sua história na sociologia e na antropologia*. In: DENZI, Norman. K; LINCOLN, Yvonna. S. et al. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. cap.2



"Transformar o país pela Educação, sendo referência em práticas inovadoras de aprendizagem e gestão, respeito à pluralidade, valorização das pessoas e compromisso com o desenvolvimento sustentável."